

UMA ESTRANHA REALIDADE

A STRANGE REALITY

João Bosco da Silva
Titular da Cadeira Nº03
Patrono: José Antônio Rodrigues

 quarto estava numa semiobscuridade; numa espécie de penumbra forte e proposital. Antes de deitar-me, eu havia deixado a janela ligeiramente aberta para possibilitar a entrada de pelo menos um pouquinho da luz que vinha da rua. Afinal, se, por uma espécie de convenção tácita, inventada não sei por quem, para se dormir, a luz tinha que estar apagada, a escuridão total não me agradava nem um pouquinho. Principalmente naqueles últimos dias, quando muitas coisas incomuns, ou pelo menos não esperadas, vinham me acontecendo.

E foi na penumbra que comecei a repassar na memória todas aquelas coisas e acontecimentos...

Eu acabava passar – e acho que estava passando ainda – por uma situação algo traumática. Depois de quinze anos de casado, num casamento sem filhos, mas que, até então, julgara feliz, havia acontecido uma separação litigiosa e, sem dúvida, algo dolorosa e inesperada. Devido a ela, eu havia deixado de viver na confortável casa onde havíamos enterrado nossas economias, naquele bairro emergente – e *glamouroso*, segundo minha ex-mulher – para viver naquele apartamento não muito grande, localizado numa área algo boêmia mais ou menos no centro da cidade.

É claro que eu não tinha motivos para reclamar, pelo menos em termos materiais, pois, afinal, aconselhado por meu advogado, o divórcio até que não fora tão desvantajoso para mim. No final das contas, apesar de minha ex-mulher haver ficado com aquela casa de que tanto gostava - com

piscina, sauna, jardins e nem sei mais o quê - só para ela, passaria, também, a viver apenas com a renda de sua boutique. Era uma boutique de que muito se orgulhava e que se localizava em um dos *shoppings* da cidade. E para mim estava ótimo assim; que ela ficasse com a casa e a boutique e me deixasse em paz, para sempre; sem pensão, sem despesas pecuniárias permanentes, sem ligações de quaisquer espécies. Casamento desfeito, vida em conjunto desfeita, cada um seguindo seu rumo e tocando sua vida como bem lhe aprouvesse. Acho que nenhum dos dois podia reclamar daquele desfecho.

Até porque, eu, por minha vez, vez continuaria com meus vencimentos de alto executivo da *L. & Brothers Int'l* só para mim, podendo fazer deles o que bem entendesse, sem ter que reparti-los nem dar satisfação a ninguém a seu respeito (a não ser, é claro, aos vorazes órgãos arrecadadores do Estado).

O fato, entretanto, é que qualquer separação, vantajosa ou não, acaba trazendo algum trauma. Se eu agora estava livre, podendo viver onde e como bem entendesse, sentia sempre aquela sensação de vazio, de ter fracassado em alguma coisa...

Era bem verdade que aquela “periferia central” que eu escolhera para viver após o divórcio sempre havia, de alguma forma, me atraído bastante, mesmo enquanto estava casado e vivendo lá na “mansão” (mansão era um pouco de exagero por parte de minha ex-mulher). Na verdade, sempre me sentira mais fascinado por aquela área antiga da cidade do que pelo condomínio cheio de “mansões” onde havia residido enquanto casado. Isso acontecia quer pelas facilidades que aquela área proporcionava; quer, por exemplo, por estar a menos de cinco minutos a pé do centro comercial da cidade; quer por suas casas antigas, embora nem sempre tão grandes, mas, sem dúvida, sempre construídas com bom gosto. E, principalmente depois que a Prefeitura resolvera revitalizar a área, fazendo dela, segundo afirmavam, a “área cultural” da cidade, não se podia dizer, também, que aquela não fosse uma região movimentada.

Como que meio entranhados naquela arquitetura antiga, mas adaptando-se a ela de alguma forma, alguns estabelecimentos comerciais bastante interessantes, como lojas, bares e restaurantes, se haviam instalado ali. E, como era de se esperar, havia também casas noturnas interessantes, inclusive, muito bem frequentadas por belas mulheres, com algumas chegando até mesmo a fazer visitas noturnas, de vez em quando, ao meu apartamento. Portanto, definitivamente, aquela não era, também, uma área solitária. E, se alguma solidão havia, ela, de alguma forma, certamente estava em mim e não naquela região, naquela “periferia central”.

E era nos momentos de solidão que eu parava para meditar um pouco, para pensar na vida. Havia, sim, certa sensação de fracasso. Afinal, eu e minha ex-mulher passáramos quinze anos de nossas vidas tentando construir uma vida a dois, sobretudo na esperança de que essa vida a dois passasse a ser uma vida a três, a quatro ou, quem sabe, até mais, com a vinda dos filhos, os quais nunca chegaram.

Era bem verdade que, pensando sob certo aspecto, a não vinda dos filhos talvez até tivesse sido vantajosa, já que, possivelmente, o casamento estivesse fadado a naufragar de qualquer forma, como realmente havia naufragado. E, com algum senso de humor, eu poderia até alegar uma outra *vantagem*, como que imitando o famoso personagem de Machado de Assis: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

Realmente, pensando bem, não havia qualquer pessoa a quem deixar meu legado, fosse ele de miséria ou de abundância, de felicidade ou de desdita. E isto, é claro, acabava por redundar numa única palavra: solidão.

Outra coisa que eu agora percebia é que o tempo parecia querer passar rápido demais. Profissionalmente, era respeitado e admirado – além de, com certeza, invejado. Afinal, depois de ter contribuído, e bastante, para que a empresa saísse de uma situação difícil, quando parecia caminhar fatalmente para o encerramento de suas atividades no país, eu me tornara

realmente uma espécie de homem de confiança. E com grandes possibilidades de tornar-me o vice-presidente no próximo ano, devido às reformulações decididas pela matriz, no Exterior. Isto, sem dúvida, seria motivo de orgulho para qualquer profissional e eu seria apenas um tolo se não me sentisse orgulhoso. Entretanto, alguma coisa parecia estar faltando. E era nisso que a vida boêmia da “área cultural” acabava me socorrendo um pouco...

Certa vez, depois de um dia algo cansativo no trabalho, eu havia parado, na volta para casa, em um pequeno, porém, sofisticado e agradável bar próximo ao meu apartamento para tentar espairecer um pouco e tomar um ou dois drinques. Logo que havia pedido minha primeira dose, servida pela simpática garçonete com quem eu vinha flertando fazia algum tempo, Marta apareceu. Ela também era uma executiva e, talvez por isto, sempre tínhamos bastante assunto para conversar. Na verdade, tínhamos bastante afinidade um com o outro. Ela também estava separada não fazia muito tempo e, curiosamente, havia também escolhido morar naquela área. Aliás, havia sido justamente da boca dela que eu ouvira, pela primeira vez, o termo “periferia central”, com referência àquela pretensa área cultural (acho que bem mais pretensa do que efetiva, sob esse aspecto). Mas o interessante mesmo entre mim e Marta é que, apesar de eu já ter visitado seu apartamento - e ela, o meu -, de já termos nos relacionado sexualmente por várias vezes, nunca pensamos em nos tornarmos amantes ou coisa parecida. Parece que o trauma que ambos havíamos tido em relação ao casamento nos impedia de pensar em nos “amarrar” novamente a quem quer que fosse...

Além disso, como que ajudando a espantar um pouco a solidão de ambos, tínhamos vários amigos em comum, quase todos “amigos de bar”, já que era principalmente naquele barzinho – assim com em alguns outros das imediações – que nós, os “descasados e simpatizantes” passáramos a fazer novas amizades.

E foi sobre um desses “amigos de bar” que Marta fez, naquele dia, um comentário que me deixou bastante intrigado, principalmente por vir de alguém tão pragmático e racional como ela:

- Você sabia que o Gerson, nosso amigo advogado, anda vendo coisas? Que ele tem visto extraterrestres?

- O quê? Acho melhor você não brincar assim com ele. Se ele tomar conhecimento do que acaba de dizer, não vai gostar nem um pouco.

- Não estou brincando – reagi em tom jocoso, mas sério ao mesmo tempo – foi ele próprio quem me contou. Disse que viu luzes no céu ou coisa parecida e que, depois das luzes, uns seres estranhos o acompanharam até o prédio onde ele mora. Disse também que, de vez em quando, sente o ambiente e as ruas meio estranhos, quando vê essas coisas...

- Está bem. Vou fazer de conta que acredito. Só não vou contar a ele o que você disse. Afinal, não quero saber de briga entre meus amigos.

- Quanto a isto, pode ficar sossegado. Não vai haver brigas. Além disso, acho que, quando vocês se encontrarem, ele não vai sequer lhe dar oportunidade de tocar no assunto; ele próprio vai fazer isto.

- Se é assim, tudo bem! Acho melhor acreditar no que você diz. E, quem sabe, também no que ele diz. Afinal, de beberrões solitários como nós é possível esperar qualquer coisa. Inclusive uma ou outra alucinaçãozinha de vez em quando...

É claro que aquela minha resposta foi espontânea e em tom de brincadeira, como sempre acontecia entre mim e Marta, mas ela pareceu não gostar muito; limitou-se a responder com um franzir de sobrancelhas que não deixou de me incomodar um pouco.

- Desculpe-me. Quando falei em beberrões solitários, é claro que estava exagerando. E é claro, também, que você não é nenhuma beberrona. Desculpe-me, se pareci grosseiro.

- Seu tolo. Você não foi grosseiro. E nem me magoou. Além disso, acho que somos beberrões sim, mas, e daí? Enquanto cumprirmos as leis e

formos competentes em nosso trabalho, ninguém tem nada com nossas vidas.

Aquela resposta de Marta soou-me simplesmente adorável e quase a convidei para meu apartamento, mas preferi não fazer isto. Afinal, nós dois estávamos cansados e ela provavelmente recusaria. E, certamente, uma recusa por parte dela acabaria afetando minha “susceptibilidade masculina” e poderia acabar quebrando o encanto produzido por aquelas suas últimas palavras.

Entretanto, para minha surpresa:

- O que você vai fazer quando sair daqui?

- Eu? Ah! Bem, acho que vou para o meu apartamento; não sei exatamente...

Diante de minha resposta carregada de dúvidas, ela, que parecia já um pouco afetada pelos drinques, me disse que sua nova *secretária do lar* (eufemismo para empregada doméstica) era uma excelente cozinheira, que havia preparado uns pratos deliciosos, etc.; mas que àquelas alturas já havia ido embora e que ela, Marta, não gostaria de saboreá-los sozinha.

É claro que aquilo soou como um convite irrecusável e em sentido inverso, ou seja, para que eu fosse para o apartamento dela (ao invés de para o meu), o que, naturalmente, aceitei. E acabamos seguindo os dois, a pé e ligeiramente alcoolizados, para seu apartamento, que não ficava muito longe. Lá chegando, felizmente a tal *secretária do lar* já tinha realmente partido, deixando a mesa arrumada. Não entendo muito de *pratos deliciosos*, mas a verdade é que a comida estava mesmo uma delícia e acho que exageramos um pouco à mesa. Tanto que nem “rolou” sexo depois do jantar, o que me deixou um pouco arrependido de ter comido tanto.

A verdade, no entanto, é que ambos estávamos mesmo bastante famintos, além de cansados, e acabamos devorando aqueles pratos sem nenhuma vergonha, sem nenhum constrangimento em relação à presença um do outro. E isso confirmava uma outra verdade: eu e Marta, apesar de nossos esporádicos intercursos sexuais, estávamos realmente nos tornando

verdadeiros amigos; estava surgindo entre nós uma dessas amizades em que cada um dos amigos pode se dar ao luxo de ser o que realmente é na presença do outro, sem se preocupar com máscaras, aparências ou convenções.

Estranhamente, até algum tempo atrás, antes de meu casamento acabar, eu não acreditava que isso fosse possível. Não acreditava que pudesse existir uma amizade desse tipo nem mesmo entre pessoas do mesmo sexo. Quanto mais entre pessoas do sexo oposto. No entanto, agora, percebia que havia estado enganado; que isso podia acontecer. E o melhor: que isso era possível entre um homem e uma mulher, o que tornava tudo simplesmente delicioso.

Acabei comentando tudo isto com ela, inclusive sobre nossa desnecessidade de usar máscaras, um diante do outro; coisa bem diferente do que ocorria em nossos ambientes de trabalho, por exemplo; no que ela respondeu em tom deliciosamente zombeteiro:

- E neste momento somos apenas dois glutões, *dois mortos de fome*. Francamente, depois disso, estou duvidando seriamente se devo trazê-lo novamente para comer na minha casa. Pelo menos para comer... comida; se é que me entende...

- É claro que entendo. E você não pode deixar de me trazer, se não, serei capaz de morrer de fome. Mas prometo que, da próxima vez, não comerei tanta... comida; reservarei algum espaço e energia para outra coisa... se é que me entende...

É claro que ela me entendia. O fato é que, naquele momento, depois de alimentados – e muito bem alimentados –, ficamos meio sonolentos a ponto de não conseguirmos mais conversar. Com isto, resolvi voltar para casa. Quando estava me despedindo, ela recomendou:

- Tome cuidado com os extraterrestres. Pode ser que o Gerson fique meio chateado, caso você faça contato com os extraterrestres dele.

- Ora, vá plantar... (não completei a frase). Plantar o que mesmo? Bananas? Batatas? Era algo parecido, mas não me lembrava exatamente o quê. Decididamente, o excesso de comida e de álcool estava fazendo efeito.

Aos trancos e barrancos, cheguei a casa, ou melhor, cheguei ao arremedo de portaria do meu prédio que, devido àquela arquitetura antiga, não estava preparado para ter porteiros, garagens, portarias e coisas parecidas. Daí que havia uma espécie de cabine improvisada para o porteiro em um terreno contíguo, que havia sido transformado também em garagem.

E o porteiro, com um inevitável ar de riso no rosto diante de meu estado francamente etílico:

- O doutor veio sem o carro?

- Eu fui sem ele. Quer dizer, acho que o deixei na garagem. Bem, não se preocupe. Amanhã dou um jeito de encontrá-lo.

A verdade é que, naquele momento, eu não fazia a mínima ideia de onde estaria meu carro e, francamente, não estava nem um pouco preocupado com isso (outra vantagem de se morar naquela “periferia central”).

Chegando ao apartamento, mal escovei os dentes e caí na cama de roupa e tudo, esperando dormir rapidamente. Entretanto, não foi o que aconteceu. O tal “extraterrestre do Gerson” fixou-se de tal forma na minha cabeça que não conseguia me livrar dele e pegar no sono. Será que o Gerson havia realmente visto alguma coisa de anormal que o deixara impressionado a ponto de contar isto a outras pessoas? Afinal, segundo Marta havia dito, ele não se limitara a contar isso a ela. E certamente só não me havia dito nada a respeito porque não nos havíamos encontrado depois daquele seu “avistamento”.

Ou será que ele havia enchido a cara e, por isto, teria tido alguma alucinação ou coisa parecida? Mas, se assim fora, eu também havia enchido a cara e, a não ser pela dúvida quanto a ter ou não ter deixado o carro na garagem, nada de incomum me havia acontecido. Ou seja, eu também

estava bêbado e não tinha visto nenhum extraterrestre ou fosse lá o que fosse.

O fato é que, com a razão meio embotada, além de provavelmente ter ficado mais impressionado do que admitira com a história que Marta me havia contado, eu não conseguia dormir. Embora o cansaço, o efeito do álcool e até da glotonaria na casa de Marta estivessem forçando meu organismo a dormir, minha mente parecia recusar terminantemente a fazê-lo.

Ou então - e tremo só de pensar - não era somente com o Gerson que havia acontecido algo de errado. Havia algo estranho também no meu apartamento. Toda vez que começava a cochilar, a pegar no sono, algo parecia tentar estrangular-me ou esganar-me. E isto já havia acontecido antes, com ou sem bebedeira e glotonaria.

Naquele *dorme-não-dorme*, percebi o relógio da torre da igreja, que ficava a noroeste do meu prédio e próxima a um hospital, bater meia noite... Depois, uma hora, duas horas...

E acabei por me desesperar de vez. Sem tentar acender a luz, dirigi-me ao banheiro. Queria tentar molhar o rosto (não sei por que razão, uma vez que isto de nada adiantaria) e depois ir até a cozinha à procura de alguma coisa que se assemelhasse a um medicamento ou remédio. Mas foi quando me dirigia ao banheiro, naquela quase escuridão, que percebi uma coisa até então bastante inesperada para mim: eu estava com medo. Era inacreditável – até porque não parecia haver uma razão para isto -, mas estava. Parecia que, de repente, algo ia sair do nada e atacar-me. Lembrei-me de acender a luz... Onde estava o maldito do interruptor? Maldita embriaguez... Além de amedrontado, estava meio zozzo. Mas será que ainda estaria mesmo embriagado? Estaria eu doente ou coisa parecida? Ou haveria algo de estranho no apartamento?

Embriaguez ou não, doença ou não, alguma coisa não estava normal, fosse comigo, fosse com o ambiente. E foi então que, novamente, me lembrei do hospital que ficava perto da igreja e a noroeste, do lado de

trás do meu prédio; do prédio “revitalizado” onde se encontrava meu apartamento. Aos trancos e barrancos, consegui chegar ao banheiro. Praticamente enfiei a cabeça dentro do lavatório e deixei a água escorrer sobre ela. Enquanto isso acontecia, enquanto a água descia sobre minha cabeça, parece que senti um pouco de alívio. Ao tirar a cabeça de dentro da pia, porém, ouvi - ou pareceu-me ter ouvido - aquela fala estranha: “Vá rapidamente ao hospital”.

Vá rapidamente ao hospital! Vá rapidamente ao hospital! Vá rapidamente... Aquela voz começava a me martelar a cabeça. E parecia não querer mais parar. Abri rapidamente a porta do quarto, tomei o corredor e, em seguida, a escada. Apesar da perturbação, senti que ficaria um pouco constrangido ao passar pelo porteiro. Solícito como era, certamente iria querer saber o que estava acontecendo comigo; se eu precisava de alguma coisa, etc. E eu simplesmente não saberia explicar o que estava acontecendo, e nem se estava realmente doente. Só tinha certeza mesmo era de que tinha que obedecer aquela voz meio louca: *vá rapidamente ao hospital, vá rapidamente ao hospital...*

Preocupação vã, entretanto. O porteiro, por alguma razão, não estava lá. E aquilo, por razão que desconheço, também não deixou de me perturbar um pouco. A verdade é que, em outras ocasiões, por mais tarde que chegasse ou saísse, por mais que fosse já alta madrugada, o porteiro sempre estava lá, a postos, de vigia, como uma sentinela a guardar nosso sono... Ou nossa boemia. No entanto, agora, ele não estava ali. O que poderia ter acontecido?

Mas, se a falta do porteiro em seu posto já era algo estranho, mais estranhas ficaram as coisas quando saí para a rua. Decididamente, aquela não era a minha rua. Não era a rua para onde eu me tinha mudado, não fazia muito tempo. Olhei ao redor. Havia algumas árvores, algumas casas baixas. Segundo me constava, ali só existiam prédios de no mínimo dois andares. Muitos deles, embora sem elevador, chegavam a ter mais de quatro andares... Então, de onde haviam surgido aquelas casas? Aqueles bangalôs,

alguns com árvores na frente, quase que a encobri-los? Meu próprio prédio parecia diferente. Parecia mais “quadrado”, mais “anguloso”, enquanto que, pelo menos segundo me lembrava, seus ângulos haviam sido “quebrados” por alguma tentativa de desenho ou coisa parecida em volta das janelas, abaixo do telhado e principalmente na portaria, dando-lhe quase que uma idéia de alguma herança remota do barroco. No entanto, agora, ele tinha as feições angulosas das construções mais modernas... Ou, então, de construções diferentes. Muito diferentes.

Mesmo assim, apesar da desorientação que estava sentindo, eu tinha - ou pelo menos tinha que manter - alguma certeza em minha mente. E uma dessas certezas era que tanto a igreja quanto o hospital ficavam a noroeste, atrás do prédio do meu apartamento. Portanto, mesmo não estando, agora, muito certo de qual seria a direção noroeste, eu sabia que tinha que me dirigir para a parte de trás do prédio se quisesse pelo menos tomar o rumo do hospital. E assim o fiz. Fui como que circulando o quarteirão, procurando sempre manter o “meu” prédio como referência, já que nada mais ali, de tão diferente que estavam as coisas, serviria para tal fim.

Enquanto caminhava em torno do quarteirão, não pude deixar de notar uma outra coisa também muito estranha. Todas as ruas estavam, de alguma forma, arborizadas. E, por estarem arborizadas, havia muitas folhas secas pelo chão, tanto na calçada quanto no meio da rua. Era como se eu estivesse em algum lugar dessas regiões ditas temperadas do planeta. Nelas, durante o outono, as folhas das árvores como que amadurecendo, tomam cores diversas de seu verde habitual, proporcionando um espetáculo bellissimo e multicolor. Mas, depois, secam e caem, deixando nuas as árvores, para enfrentar o inverno que inevitavelmente sucede o outono...

Entretanto, não era outono no nosso país e, mesmo que fosse, nele, as folhas não caem tanto nessa estação. Portanto, havia mesmo alguma coisa de errado, de estranho... Só não sabia se era comigo, com minha consciência, com minha percepção, ou com o ambiente que me cercava. Eu

sempre estivera certo de que nossa consciência, nossa capacidade de percepção e cognição, ao tomar contato com as coisas do ambiente que nos cerca, elabora, em nossa mente, representações dessas mesmas coisas. Daí que sempre me pareceu, também, ser impossível termos certeza de que o ser que se apresenta aos nossos sentidos, à nossa percepção, é o ser que realmente é...

Portanto, realmente não tinha como saber, naquele momento, se o que havia de errado ou de estranho estava em mim ou estava nas coisas; naquela estranha realidade que eu agora percebia ou talvez apenas julgasse perceber...

Talvez nada estivesse mudado ao meu redor. Talvez fosse só efeito do excesso de álcool e comida na casa de Marta. Havia também a possibilidade de que eu estivesse apenas sonhando...

Acabou que a única certeza que tinha em mente não parecia vir de mim. Vinha daquela voz insistente que me dizia para ir ao hospital... *Vá ao hospital! Vá ao hospital! Vá...*

E felizmente, não demorou muito para que o hospital aparecesse. Ele apareceu logo que, depois de caminhar algum tempo, vi a torre da igreja. E esta, por alguma razão, pelo menos se olhada não de muito perto, não parecia ter-se modificado como acontecera às outras coisas, como as casas e as ruas. E até com as árvores que antes não existiam. Quer dizer, pelo menos não existiam segundo minha consciência, segundo minha memória. De qualquer forma, logo depois que vi a torre e apertei um pouco o passo, vi também o hospital. Dirigi-me rapidamente a ele.

E só quando o vi e passei a caminhar firmemente em sua direção, aquela voz parou de martelar minha cabeça. Parece que ela entendeu que isto já não seria mais necessário uma vez que agora, por minha própria vontade, eu me dirigia para lá... Para aquele lugar que nunca pretendia visitar, uma vez que, para ser absolutamente sincero, nunca gostei de hospitais.

De qualquer forma, caminhando para ele, não demorei muito a avistar, primeiro os seus contornos, que também não me pareceram modificados, embora ele parecesse mergulhado numa espécie de névoa não muito densa, depois sua portaria, que me parecia normal, mas encoberta pela névoa. Uma névoa ou neblina que se estendia também sobre a igreja. Uma neblina que também não era comum por ali; não, pelo menos, que eu soubesse... Era mesmo estranho. As coisas que estavam sob aquela neblina pareciam não se terem modificado. As outras coisas, as que estavam fora dela, pareciam modificadas...

Maldito álcool! Maldito excesso de comida na casa de Marta! Ou, quem sabe, talvez fosse melhor dizer: maldita estranha e modificada realidade!

Fosse como fosse, finalmente me aproximando mais, consegui ver de forma mais nítida a portaria do hospital. Havia, lá, uma ambulância que parecia ter acabado de chegar. Não sei por que razão, meu coração começou a bater bastante forte quando a vi. Principalmente quando vi duas pessoas tirando, de dentro dela, uma terceira pessoa e transpondo-a para uma maca. Comecei a correr. Por alguma razão, eu precisava ver aquela pessoa. Precisava descobrir quem era. Algo me dizia ser alguém conhecido...

Correndo, consegui chegar a tempo, antes que a levassem para dentro do hospital. Mas não consegui ver quem era. Interpelei um dos atendentes, um daqueles que a estavam carregando:

- Por favor, quem é?

Ele, impaciente, e olhando-me como se eu fosse algum louco ou coisa parecida:

. Ainda não sabemos. Primeiro temos que cuidar dela. Depois a identificaremos.

- Ela? Quer dizer que é uma mulher?

- Ora, por favor, amigo. Isto é uma emergência e estamos com pressa. Se quiser mais alguma informação, tente conseguir isso mais tarde. Ela já teve uma parada cardíaca...

- E acho que não há mais nada a fazer - disse o outro, que o ajudava a carregar a maca.

E este, ainda mais impaciente:

- Vamos. Rápido. Mais rápido!

E dirigindo-se à moça do balcão de atendimento:

- Anote o horário de entrada. Depois veremos o que fazer em relação à papelada. O doutor está pronto?

- S... Sim – respondeu a moça, parecendo algo assustada.

E os dois, carregando a paciente, desapareceram, entrando para o interior de uma porta onde se lia: atendimento de emergência.

Depois que entraram, fiquei meio indeciso. Olhei para o relógio da torre da igreja. Eram exatamente três horas da madrugada. Não sabia exatamente o que o que fazer; aliás, nem sabia o que tinha ido fazer ali. Sem contar que provavelmente meu estado de confusão mental, aliado ao desalinho de meu traje e dos meus cabelos, não deixou de chamar atenção da moça do balcão. Ela, em tom incisivo inquiriu:

- Em que posso ajudá-lo, senhor? (aquele “senhor”, naquelas circunstâncias, não deixou de soar algo irônico).

- Acho que não preciso de nada. Não estava me sentindo bem e vim para cá, mas já estou melhor, quer dizer, acho que estou melhor agora...

- Se quiser consultar o médico de plantão, terá que esperar um pouco. Ele está com um caso de emergência nesse momento.

- Sim, cheguei a tempo de ver o corpo, digo, a pessoa saindo da ambulância...

Por alguma razão, eu tinha certeza que aquela pessoa retirada da ambulância estava morta ou acabara de morrer. Só não sabia o motivo de ela ter-me despertado tanto interesse. Por isto, atrevi-me a interpelar a moça:

- Quem é ela?

- Por que deseja saber? – respondeu interrogando e olhando-me, agora com um olhar ainda mais inquiridor.

- Apenas curiosidade... Desculpe-me.

Estava começando a pensar em retirar-me dali. Afinal, alguma coisa muito estranha estava acontecendo comigo e eu não sabia exatamente o que era. E também não tinha certeza se um médico poderia ajudar-me. Por isso, estava começando a pensar em dar o fora o mais rápido possível. Afinal, até mesmo aquela voz imperiosa, na minha cabeça, mandando que eu fosse ao hospital, havia cessado.

Decidido, fiz meia-volta e ia saindo, quando alguém se aproximou rapidamente, parecendo vir de dentro do hospital e dirigindo-me a palavra:

- Olá, Sílvio, que bom que você está aqui. Espero que esteja de carro desta vez, assim poderá me dar uma carona.

- O que você está fazendo aqui, Marta? Aliás, o que estava fazendo lá dentro?

- Poucos minutos depois que você saiu lá de casa, comecei a passar mal. Abri a porta do apartamento no momento exato em que aquele casal simpático que mora ao lado estava chegando da rua. Os dois pareceram ficar preocupados comigo. Depois não sei mais o que aconteceu. Somente agora, há poucos instantes, me dei por mim novamente. E percebi que estava aqui; aliás, estava numa sala com um médico e alguns enfermeiros. Eles estavam debruçados sobre uma pessoa que, com certeza, estava muito mal. Acho que, por isto, não notaram minha presença. Cheguei a pedir a um deles que me mostrasse a saída, mas ele não me deu a mínima atenção. Imagine você que ele pareceu nem estar me enxergando... E eu estava bem na frente dele.

- Mas, tem certeza de que está bem? Afinal, deve haver alguma razão para ter vindo parar no hospital.

- Pode ser. Mas, como lhe disse, eles não parecem sequer notar minha presença. Ou, se notaram, não estão nem um pouco preocupados comigo. Acabei de passar pela recepcionista, a moça do balcão de atendimento. Tentei falar-lhe alguma coisa, conseguir alguma explicação e

até, talvez, explicar porque estou indo embora, mas ela também não me deu a mínima atenção. Seria capaz de jurar que ela nem sequer me viu.

- Bem, quanto a ela, pelo visto parece não fazer nenhuma questão de pelo menos parecer simpática. Ainda agora mesmo tentei falar com ela, mas ela pareceu desconfiar de mim e, para ser franco, me atendeu muito mal.

- Pois acho que ela estava tão entretida olhando para você, vendo você se afastar, que não me viu. E olhe que cheguei até a bater no balcão de atendimento para chamar-lhe a atenção, mas ela, decididamente, não percebeu ou fingiu não perceber minha presença. Portanto, não tenho mesmo mais nada a fazer aqui.

- Está bem. Eu também não sei o que estou fazendo aqui. Quando cheguei ao meu apartamento, também comecei a me sentir mal. Mas não sei se foi isto o que me trouxe para cá. Seja como for, é melhor irmos embora. Só uma coisa: novamente estou sem meu carro. Vim caminhando. E por isto não poderei lhe dar uma carona.

Quando lhe disse que viera caminhando, não lhe contei sobre a “modificação” que havia percebido nos arredores e nem sobre aquela voz que havia passado um bom tempo martelando minha cabeça. Também não fiz qualquer comentário sobre o fato algo inusitado de tê-la encontrado ali, na portaria daquele estabelecimento de saúde.

De repente, ela, parecendo adivinhar meus pensamentos:

- Agora me lembro de uma coisa. Quando pedi socorro ao casal, me falaram alguma coisa a respeito de chamar ambulância e mandar-me urgentemente para o hospital. E agora estou lembrando de mais uma coisa. Quando falaram aquilo, desejei ardentemente que você estivesse comigo, que me acompanhasse...

- Por que você não me telefonou logo que se sentiu mal? Eu teria voltado imediatamente para sua casa.

- Pois é. Na hora, não pensei nisso. Aliás, parece que não tive tempo para pensar nisso. Acho que devo ter sofrido algum desmaio. Não sei

bem. Nem mesmo sei se chegaram ou não a chamar a ambulância. Na verdade, nem sei como vim parar aqui, no hospital.

- Talvez tenha sofrido algum desmaio ou algo semelhante. Se estava realmente mal, só pode ter vindo de ambulância... E por estar desmaiada, não percebeu quando a traziam.

- É. Só pode ser isto. Mas não importa. O importante é que está tudo bem agora. E podemos voltar para casa sãos e salvos, não é mesmo!

- É. Podemos – respondi algo inseguro.

E fiquei pensando: será que, ao voltarmos, ela também perceberia a diferença nas ruas e no ambiente? Já estávamos começando a nos afastar das imediações do hospital. Em breve entraríamos naquelas imediações estranhas por onde eu havia passado...

Olhei novamente para o relógio. Era mesmo alta madrugada. O tempo havia passado muito rápido. Muito mais rápido do que eu imaginara. E lá estava novamente aquela rua... A primeira das ruas “esquisitas” pelas quais teríamos que passar até chegar às nossas residências. Não comentei nada a respeito. Fiquei esperando que Marta fizesse algum comentário.

Nada, entretanto. Nenhum comentário. Isto queria dizer que, para ela, tudo estava normal, que ela não percebia qualquer diferença nas ruas e no ambiente em geral.

Não resisti e acabei insinuando:

- De madrugada, as ruas parecem estranhas. Não acha?

Ao ouvir isto, ela, olhando para o relógio da torre da igreja, comentou:

- Também, a essa hora da madrugada, as coisas têm que estar mesmo diferentes. Afinal, todo mundo está dormindo, repousando. Somente dois loucos como nós podem estar na rua, vagando a esmo, a essa hora. Já passam das três...

- Eu quis dizer outra coisa. Você não sente nada de estranho no ar?

- É claro que sinto. Sinto o cheiro de folhas. Acho que sinto o cheiro da noite.

- É. Tem razão. Dever ser isto. O cheiro da noite...

Fiquei bastante preocupado. Se tudo o que havia de diferente para Marta era o “cheiro da noite”, então ela não notava aquelas “modificações” nas ruas. E isto significava que havia algo de errado comigo. De repente, era como se eu estivesse tendo mesmo uma percepção algo diferente da realidade...

Realidade! Palavra estranha essa. Ela pode dizer tanta coisa... E, ao mesmo tempo, pode não dizer nada. Pode apenas falar de ilusão. Da ilusão humana de que percebe uma “realidade”. Dizem que estar louco é não perceber as coisas como os outros as percebem. Se assim fosse, havia uma grande possibilidade de que eu estivesse ficando louco. Havia uma boa possibilidade de que meu cérebro, meus mecanismos de percepção não estivessem muito bem...

Fosse como fosse, se antes eu tivera dúvidas, agora tinha certeza quanto à realidade: ela não é absoluta. Ela é totalmente relativa, em função de nossas maneiras de percebê-la...

Acho que permaneci calado e enfiado naquelas abstrações por um bom tempo, pois Marta me tirou delas reclamando:

- Já estamos quase na portaria do meu prédio e você permaneceu mudo esse tempo todo. Eu também não estava com muita disposição para conversar, por isto não reclamei, mas você está até parecendo com a moça da recepção do hospital. Esqueceu-se da minha presença?

- Eu. De forma alguma. Como poderia esquecer sua presença? Estava apenas pensando...

- Pensando em quê?

- Pensando em tudo o que está nos acontecendo. Quer dizer, acho que tem algo estranho acontecendo comigo. Tem certeza de que está tudo normal? Refiro-me às ruas, ao ambiente...

- Normalíssimo. Como já lhe disse, é madrugada. Você não pode esperar que, de madrugada, as ruas estejam cheias de gente, de veículos...

- Tem razão. Bobagem minha.

Quando acabei de dizer aquilo, já estávamos na frente de seu prédio. Abraçamo-nos e até nos beijamos ligeiramente. Insistiu um pouco para que eu subisse com ela até o apartamento, mas recusei, alegando cansaço. Ela pareceu compreender isso:

- Se quiser, pode repousar no meu apartamento, mas acho que prefere ir mesmo para casa. Desculpe dizer, mas você está num estado lastimável. Acho que deve tomar um bom banho e deitar-se. Até parece que foi você quem adoeceu, e não eu.

E talvez eu estivesse mesmo doente... Doente da cabeça. A rua continuava estranha. Continuava totalmente diferente. E não era só a rua. O céu. As estrelas... Havia algo diferente com elas também. Passei algum tempo olhando-as; olhando para o céu, depois que Marta entrou em seu prédio.

De repente vi uma luz não muito grande, meio azulada. Estava subindo rumo às estrelas. E parecia sair do prédio em que ficava o apartamento de Marta...

Lembrei-me de nosso amigo Gerson, o que andava “vendo extraterrestres”. Será que eu também não acabava de ver um deles? Apertei o passo. Dirigi-me rapidamente ao meu apartamento. Aliás, dirigi-me para o meu prédio com aquela “nova” e esquisita fachada...

Não me importei muito com isso. Adentrei-o tão rápido quanto pude. Desta vez o porteiro estava em seu posto. Mas, por algum razão, não me viu. Parecia cochilar...

Melhor assim. Eu não queria perder tempo conversando, talvez dando explicações, embora não fosse obrigado a fazer isso. Aliás, como poderia dar explicações sobre coisas que eu não podia explicar?

Subi rapidamente para meu apartamento. Segui os conselhos de Marta. Tomei um bom banho de chuveiro. Deitei-me. Não consegui dormir imediatamente. No meu apartamento, agora, estava tudo normal, tudo como sempre tinha estado. No entanto, na rua...

Decididamente, havia, ou tinha havido, alguma coisa errada, alguma coisa no mínimo pouco usual. A princípio, eu não tinha como saber se tudo aquilo havia acontecido apenas comigo, com minha mente... Talvez alguma forma de alucinação. Entretanto, o estranho é que aquela “coisa diferente” parecia ter acontecido principalmente durante o tempo em que eu estivera fora do apartamento, ou, talvez, fora do meu prédio. De volta ao interior do prédio, a única coisa a se estranhar havia sido o comportamento do nosso porteiro. Aquele porteiro noturno, que revezava com um outro, era falante, solícito, e nunca abandonava seu local de trabalho. No entanto, quando eu saía, ele não estava lá e quando regressara, ele pareceu não ter dado pela minha presença...

Quanto às ruas, era possível que eu tivesse tido mesmo alguma alucinação, talvez passado por alguma alteração nos meus sentidos, uma vez que Marta não havia visto nada de errado com elas quando regressávamos do hospital.

Entretanto, até aquela coincidência de eu ter encontrado com ela justamente lá, no hospital, quando ela já estava de saída, não me parecia, agora, algo muito comum. Parecia ser coincidência demais. Sem falar naquela luz estranha, meio azulada, subindo rumo às estrelas, que parecia ter saído do prédio dela logo depois que eu a deixara na portaria. Teria sido também aquilo uma alucinação?

Como eu tinha uma reunião na empresa prevista para as nove horas, programei o relógio para despertar às oito. Havia algum risco de que eu caísse no sono pela manhã e acabasse perdendo a hora. E o relógio, programado para me despertar, certamente evitaria isso.

E realmente acabei conseguindo dormir quando o dia já estava amanhecendo. Entretanto, o cuidado em programar o despertador acabou por se mostrar desnecessário. Fui acordado não por ele, mas pelo telefone. Olhei para o relógio, antes de atender. Eram sete horas.

- Alô!

- Alô, é da casa do senhor Sílvio?

- Sim. Sou eu, Sílvio.

- Desculpe-me, senhor Sílvio. Sei que provavelmente não me conhece. Meu nome é Ailton. Eu e minha esposa somos vizinhos de sua amiga Marta...

- Eu sei. Já os conheço de vista. Marta parece gostar muito de vocês. Sempre fala em vocês...

- Pois é. É por causa dela que estamos ligando. Recebemos um telefonema do hospital e não sabemos o que fazer.

- Do hospital? Como? Por que o hospital ligou para vocês?

- Marta se sentiu mal durante a noite e nos pediu ajuda. Quando a ambulância chegou, ela havia piorado e estava inconsciente. Por isso, demos nosso nome aos paramédicos. Eles queriam alguém como responsável, ou talvez como referência, para o caso de alguma necessidade. E, como não tínhamos alternativa, demos nosso nome. E acabamos tendo que ficar com as chaves do apartamento dela também...

- Sim, mas o que está acontecendo? Por que está me ligando? Mara adoeceu de novo?

- De novo? O que quer dizer com “de novo”? Só sei que o hospital nos ligou avisando sobre o acontecido e, como não conhecíamos nenhum parente dela, tivemos que revirar suas coisas para achar o endereço ou telefone de seus parentes ou amigos. Afinal, alguém tem que cuidar dos preparativos para o enterro. E seu telefone foi o primeiro que encontramos...

- Desculpe senhor Ailton, mas estou um pouco confuso. Não estou conseguindo entender. Afinal, Marta não está no apartamento dela? Ela voltou para o hospital? Será que ouvi o senhor falar em enterro?

- Senhor Sílvio, desculpe-me, mas por porque tantas perguntas estranhas? Acabei de dizer que Marta nos pediu ajuda e foi levada para o hospital. E o senhor pergunta se ela voltou para o hospital. Francamente...

E eu, ainda mais confuso:

- Desculpe-me, mas poderia repetir tudo o que disse. Estou com a cabeça meio confusa.

- Como acabei de lhe dizer, de madrugada ela adoeceu e nos pediu ajuda. Parecia muito mal e, aliás, parecia nem saber o que fazer. Acho que

ela não estava acostumada a adoecer; não como eu e minha mulher, que já estamos mais velhos e sempre sabemos que o melhor a fazer numa hora dessas é chamar uma ambulância... O fato, porém, é que enquanto providenciávamos a ambulância ela teve um desmaio ou coisa similar. Depois que foi levada, não a vimos mais. E só tivemos notícia dela agora, pela manhã, com o telefonema do hospital...

- Do hospital? Mas eu a deixei aí na porta do prédio de vocês de madrugada.

- Senhor Sílvio, com todo o respeito, acho que não é hora para brincadeira. O hospital acabou de ligar pedindo que fizéssemos contato com seus parentes. Ela faleceu por volta das três horas da madrugada e providências precisam ser tomadas. Afinal, ela deve ter parentes que precisam ser comunicados. Pensamos que o senhor, que a conhece melhor, pudesse nos ajudar...

Fiquei absolutamente sem palavras. Era claro que meu interlocutor não estava brincando. Ele falava sério e parecia realmente preocupado... Três da madrugada, ele havia dito. Três horas da madrugada havia sido, mais ou menos, a hora que o relógio da torre estava marcando quando eu e Marta havíamos saído do hospital, criticando a moça da portaria por parecer não tomar conhecimento de sua presença...

Aquela constatação me deixou ainda mais confuso. Mas acho que começava a entender... Aquelas “modificações” no ambiente. Aquela luz subindo em direção às estrelas...

- Senhor Sílvio, o senhor continua aí? Continua na linha? Precisamos realmente de sua ajuda!

- Sim, podem contar...

Ia dizer “podem contar comigo”, mas deixei o telefone cair. Certamente ia ajudá-los, mas primeiro tinha que me refazer do choque. E meu choque não se limitava à inesperada perda de Marta, uma das melhores pessoas que eu havia encontrado ultimamente...

A verdade é que ela havia morrido e eu estivera com ela no mundo dos mortos. Ou talvez no mundo dos extraterrestres de Gerson. Não tinha certeza...